

Imigração brasileira na Europa

Memória, herança, transformação

Organização: Katia de Abreu Chulata

IL SEGNO E LE LETTERE

*Collana del Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne
dell'Università degli Studi 'G. d'Annunzio'*

DIREZIONE

Mariaconcetta Costantini

COMITATO SCIENTIFICO

Università 'G. d'Annunzio' di Chieti-Pescara

Brigitte Battel - Claudia Casadio - Mariaconcetta Costantini

Mariapia D'Angelo - Persida Lazarević - Maria Rita Leto

Lorella Martinelli - Carlo Martinez - Ugo Perolino

Marcial Rubio Árquez - Anita Trivelli

Atenei esteri

Antonio Azaustre (*Universidad de Santiago de Compostela*)

Claudia Capancioni (*Bishop Grosseteste University, Lincoln*)

Dominique Maingueneau (*Université Sorbonne*)

Snežana Milinković (*University of Belgrade*)

COMITATO EDITORIALE

Mariaconcetta Costantini - Barbara Delli Castelli

Elvira Diana - Luca Stirpe

I volumi pubblicati nella Collana sono stati sottoposti a doppio referaggio anonimo.

ISSN 2283-7140
ISBN 978-88-7916-970-7

Copyright © 2021

LED Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto

Via Cervignano 4 - 20137 Milano

www.lededizioni.com - www.ledonline.it - E-mail: led@lededizioni.com

I diritti di riproduzione, memorizzazione e archiviazione elettronica, pubblicazione con qualsiasi mezzo analogico o digitale (comprese le copie fotostatiche, i supporti digitali e l'inserimento in banche dati) e i diritti di traduzione e di adattamento totale o parziale sono riservati per tutti i paesi.

Le fotocopie per uso personale del lettore possono essere effettuate nei limiti del 15% di ciascun volume/fascicolo di periodico dietro pagamento alla SIAE del compenso previsto dall'art. 68, commi 4 e 5, della legge 22 aprile 1941 n. 633.

Le riproduzioni effettuate per finalità di carattere professionale, economico o commerciale o comunque per uso diverso da quello personale possono essere effettuate a seguito di specifica autorizzazione rilasciata da: AIDRO, Corso di Porta Romana n. 108 - 20122 Milano
E-mail segreteria@aidro.org <mailto:segreteria@aidro.org>
sito web www.aidro.org <http://www.aidro.org/>

Volume pubblicato con il contributo
dell'Università degli Studi 'G. d'Annunzio' di Chieti-Pescara
Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne

In copertina

Collage digitale dell'artista Agnese Purgatorio
della serie *Perhaps You Can Write To Me*, 2009
Courtesy Podbielski Contemporary

Videospagnazione: Paola Mignanego
Stampa: Logo

SUMÁRIO

In limine <i>Carlo Consani</i>	7
Da memória à transformação linguística. Heranças teóricas e linguísticas nos estudos sobre a imigração brasileira na Europa <i>Katia de Abreu Chulata</i>	11
Imigração Brasileira: empréstimos brasileiros ao português europeu. Memória, herança, transformação <i>Ana Bela Pereira Loureiro</i>	25
Reflexões sobre o ensino da variação linguística. O português para alunos brasileiros em Portugal <i>Audria Albuquerque Leal - Noémia Jorge</i>	41
Sujeitos entre-línguas em contextos de imigração. Questões de memória e herança linguística <i>Beatriz Maria Eckert-Hoff</i>	61
Uma opção didática funcionalista para o ensino do francês em contexto brasileiro <i>Fernanda Cristine Guimarães - Vânia Cristina Casseb-Galvão</i>	73
Metodologias ativas em PLE. Gamificação da série brasileira “3%” <i>Filipa Matos</i>	95
Lineamenti genetici della poesia italoфона di origine brasiliana contemporanea <i>Alessandra Mattei</i>	109
O Estatuto do Estudante Internacional. Incentivo ou barreira para os estudantes brasileiros no ensino superior em Portugal? <i>Katielle Silva - Jorge Malheiros</i>	125

Toponímia maranhense: diversidade cultural e linguística <i>Maria Célia Dias de Castro - Gisélia Brito dos Santos</i>	145
Lições do Rio Grande: concepções acerca da gramática <i>Graciele Turchetti de Oliveira Denardi - Lucas Martins Flores</i>	167
“Procuo minha mãe”: o fenômeno da adoção brasileira em Itália. Aspectos sócio-linguísticos <i>Mariagrazia Russo</i>	181
Figuração de personagens femininas em <i>Mamma, son tanto felice</i> <i>Helena Bonito Couto Pereira</i>	191
Sobre pessoas e lugares: as mulheres viajantes de Marina Colasanti <i>Kelio Junior Santana Borges - Giorgio De Marchis</i>	205
Uma anastomose entre os conceitos de autobiográfico e literatura diáspora. O exílio de Caetano Veloso na autobiografia <i>Verdade Tropical</i> <i>Tiago Ramos e Mattos</i>	223
Migração Brasil/Portugal: os brasileiros descobrem Portugal <i>Maria Irene da Fonseca e Sá</i>	241
Escrita traumática em Primo Levi. Experiência, testemunho e representação <i>Romilton Batista de Oliveira - António Bento</i>	257
Olhar inquisidor: a religião do brasileiro em romances portugueses do século XXI <i>Paulo Ricardo Kralik Angelini</i>	275
Noutro Porto 2: a religião como culto artístico <i>Ana Cristina Saladrigas - Elizângela Gonçalves Pinheiro</i>	293
Pertencimento, classe e gênero em narrativas de imigrantes brasileiros/as na Alemanha e em Portugal <i>Glauco Vaz Feijó</i>	313
Autores	331

SUJEITOS ENTRE-LÍNGUAS EM CONTEXTOS DE IMIGRAÇÃO

Questões de memória e herança linguística

Beatriz Maria Eckert-Hoff

DOI: <https://dx.doi.org/10.7359/969-2021-ecke>

ABSTRACT

The present study – integrated in the CNPq project “(In)Fames Voices: Exclusion and Resistance” coordinated by Professor Maria José Coracini (Unicamp) – offers the analysis of German immigrants’ self-writings who settled in the southern Brazil, through excerpts of some letters collected in Germany. Drawing upon the French theory of Discourse Analysis interspersed with some psychoanalysis notions, we examine the epistolary writing of between-language subjects to explore the interweaving of languages in the constitution of subjectivity. Such an approach reveals that interpretation is always a gesture of capture; traces of the subdivided subject are glimpsed, since there is always otherness, incorporation, non-separation. The aim of the study is to analyse the connection and disconnection of the subject in, of, and through languages, revealing subjective incidences of the between-languages subject.

Keywords: German immigrants; heritage; language; memory; subject.

*Com a pena em punho / e com a ajuda divina escrevo / para
tentar mais uma vez receber notícias de vocês. / Já passaram em
torno de seis anos que lbes escrevi / da morte de meu querido
Cristoff, / mas infelizmente não obtive nenhuma resposta.*

Elisabetha Krämer¹

¹ “Ich ergreife die Feder um mit Gottes Hilfe noch einmal Nachricht von Euch zu erhalten. Es sind bereits 6 Jahre daß ich Euch den Tod von meinem lieben Cristoff gemeldet habe aber leider keine Antwort erhalten habe” (tradução nossa). Elisabetha Krämer inicia assim a sua Carta, escrita em Arroio do Meio, no dia 09 de janeiro de 1894, ao seu irmão Adam, da Alemanha.

1. ALINHAVANDO A TRAMA INTRODUTÓRIA

A proposta do presente texto – V Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa (SIBE), ocorrido na Itália – é discutir questões de língua, cultura, errâncias, e nação, para mostrar o entrelaçamento das línguas na constituição da subjetividade. Essas questões, inevitavelmente, margeiam nossa memória, sempre que falamos da constituição do Brasil, fortemente marcada pela colonização europeia, tanto pela própria história do descobrimento, como pela imigração organizada, a qual teve seu marco inicial no período do Reino Unido e posteriormente propagada durante todo o império (1888).

Sabemos que para os sujeitos com história de formação linguística – que tem impresso no corpo, na memória, na língua, a posição-migrante – criam-se, inevitavelmente, caminhos na experiência com a linguagem, na produção do novo lugar, com toda uma série de identificação com modos de dizer que são diferentes de sujeitos que não passaram pela experiência da imigração.

Em busca de compreender essa relação sujeito x línguas em contextos de imigração definimos, como corpus de estudo, *Cartas* escritas por imigrantes alemães e por seus descendentes, do sul do Brasil, a seus familiares que permaneceram na Alemanha, datadas do século XIX e XX, coletadas em arquivos públicos e privados da Alemanha. Para tanto, temos como aporte teórico e metodológico os preceitos da Análise do Discurso de linha francesa e alguns fios da Desconstrução². São as vidas escritas desses sujeitos que queremos estudar, por meio dos relatos de *Cartas*, para mostrar como se entrelaçam, na língua e pela língua, o simbólico e o imaginário na constituição da subjetividade do sujeito entre-línguas, em contextos de imigração.

Tomamos o corpus em estudo como escritas de si, e traçar a escrita de si é rastrear inscrições no corpo, a partir da intervenção do Outro, é buscar fios que margeiam memória e esquecimento. A noção de escrita de si é aqui compreendida a partir de duas autoras: Robin e Coracini. De acordo com a primeira autora, “escrever é sempre jogar, frustrar a morte, a filiação, o romance familiar, a História”³, descortinar, por sua faceta de aprisionar o que escapa, o que se mostra fugaz. No dizer de Coracini, escrever é

cortar a folha (papel, que é também vegetal...), levantar a pele das palavras, fazer incisões, cortes, enxertos, in-serções de si no corpo estranho do outro –

² Com base nos estudos de Derrida 2001.

³ Robin 1993, 10.

palavra, texto, que é sempre do outro e sempre meu ou de quem escreve, de quem assina –, transformando, deformando, degradando, com legitimidade – afinal, o autor se sente “dono” da língua – o corpo ou o *corpus* (defunto, morto).⁴

Assim, entendemos a escrita das *Cartas* como incidências no corpo da linguagem e no corpo do sujeito falante, incidências que se marcam entre cortes e suturas: ao mesmo tempo em que o eu se vela e revela, há o desvelamento do eu. Nesse sentido, entendemos que a escrita de si é sempre escrita do outro, do outro de si, de si no outro, (des)velando e revelando e até mesmo ocultando o que fica visível e invisível ao sujeito, num jogo de possibilidades e impossibilidades que incidem, inevitavelmente, na subjetividade.

2. A TRAMA TEÓRICO-METODOLÓGICA

A trama teórica e metodológica se dá com fios da Análise do Discurso de linha francesa, que se emaranham com alguns fios da psicanálise, que nos permitem compreender o sujeito cindido, clivado, barrado, uma vez que constituído pelo inconsciente, cujas palavras se situam entre a tênue fronteira da possibilidade e da impossibilidade de se dizer, já que o sujeito, de “fica sempre na borda, na margem, onde o estranho e a estranheza vêm se atar a ele mesmo, ao maternal, ao fantasma da língua ou a impossibilidade de habitá-la”⁵.

O sujeito entra no simbólico por uma simbolização da imagem do corpo próprio, por isso mesmo fica definitivamente marcado pela linguagem. A partir daí, a constituição do eu não pode ser mais considerada no eixo especular, mas implicada com o lugar do Outro. O Outro é a matriz simbólica que determina a relação do sujeito com a imagem e o objeto. Cabe lembrar que o *outro* é o semelhante, com quem nos relacionamos e no qual nos reconhecemos, e o *Outro* – tesouro do significante, inominável, estranho e estrangeiro a mim mesmo – é linguagem, é fala, é resíduo que fica e age⁶.

É inaugurada, assim, a questão da subjetividade para um ser falante, isto é *falante* (*parlêtre*), porque sujeito a falhas, inscrevendo-se aí a dimensão do desejo que, na busca constante de satisfação, dela está fadado a perma-

⁴ Coracini 2010, 31.

⁵ Robin 1993, 7.

⁶ Cf. Lacan 1998.

necer separado, já que o desejo é metonímico, sempre adiado, desliza na cadeia do significante. O desejo do sujeito está no desejo do Outro. Nesse sentido, o sujeito laciano é um sujeito cindido e a sua totalidade é apenas imaginária. A partir dessa noção laciana, entendemos que a identificação é sempre uma captura: aquele que se identifica tem a ilusão de que está capturando o outro, porém é o *si-mesmo* que está sendo capturado.

Em face dessas exposições, compreendemos o sujeito não totalmente livre e controlador de seus discursos e sentidos, mas se movendo entre a incompletude e o desejo de ser completo, marcado pela ilusão de ser a fonte entre o si mesmo e o Outro que o constitui. Essa ilusão é constitutiva e o discurso é, sob esse enfoque, intrinsecamente heterogêneo, vale entender, marcado pela multiplicidade e alteridade. É necessário observar que: “nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’”⁷.

Essa visão de sujeito introduz a questão da subjetividade, e revela a complexidade que envolve o sujeito, inerentemente constituído pela falta, pelo desejo de completude, pelo desejo de querer ser inteiro. É pelo viés da falta que se dão os deslizamentos e as rupturas que fazem e desfazem sentidos, sentidos esses que estão sempre nos limites fugidios da clareza e da obscuridade, do certo e do incerto, do excesso e da falta, do uno e do múltiplo. Por ser o sujeito o *não-um*, pleno de deslizamentos, torna-se difícil “tocar” todos os fios que constituem a trama do dizer e do fazer do sujeito-professor, objeto deste estudo, uma vez que ele se constitui pela estranheza-alteridade, pela heterogeneidade.

Sendo assim, acreditamos ser necessário seguir o (per)curso da relação sujeito/língua, lembrando que o sujeito não é qualquer falante: é um sujeito que fala do lugar do sujeito-entre-línguas – marcado por deslocamentos, estranhamentos e ainda encontros, reencontros ou desencontros nas línguas – um sujeito que fala e que falta.

Consideramos, a partir dos estudos acima mencionados, que o lugar entre-línguas, ocupado pelo sujeito em estudo, é um lugar de conflito, que significa entre-culturas, entre-outros, entre o um e o Outro. Assim, compreendemos que as palavras se situam entre a tênue fronteira da possibilidade e da impossibilidade de se dizer, já que o sujeito “fica sempre na borda, na margem, onde o estranho e a estranheza vêm se atar a ele mesmo, ao maternal, ao fantasma da língua ou a impossibilidade de habitá-la”⁸.

⁷ Authier-Revuz 1990, 27.

⁸ Robin 1993, 7.

3. DESVELANDO OS NÓS QUE COMPÕEM A TRAMA

O objeto de nosso estudo, como já mencionado, constitui-se de recortes de *Cartas* – entendidas como escritas de si – de sujeitos-imigrantes alemães do sul do Brasil, escritas aos seus familiares da Alemanha, datadas do século XIX e XX. Do vasto *Corpus* coletado, selecionamos, para o presente artigo, quatro recortes discursivos para analisar os enlaces e desenlaces do sujeito na, das e pelas línguas, que revelam incidências na subjetividade do sujeito entre-línguas, seja por ruptura, exílio, seja por hospitalidade.

Kolonie Sant Justa, 27 November 1852

Hier befinden wir uns im Himmel, wir leben wir im gelobten Land. Wir leben als freie Menschen. Niemand verlangt etwas von uns. Wir erwarten, die Kosten unserer Reise bald zu zahlen. Aus dem Wald holen wir, was wir wollen. Ich esse mein tägliches Pfund Fleisch. Über die Getränke gibt es nicht viel zu schreiben; es gibt nur Schnaps. Wenn wir Bier trinken wollen, müssen wir nach Petropolis gehen, 10 Meilen entfernt, wo es deutsche Brauereien gibt.⁹

Linie Hof, 18 July 1858

Liebste Mutter, macht euch keine Gedanken um den Jakob, dem geht es gut er lebt immer in Fröhlichkeit er kann Brasilianer sprechen und ist ein guter Maulfechter.¹⁰

Parana, tem July 1896

Der Deutschbrasilianer liebt die deutsche Sprache als die seines Elternhauses; aber er liebt auch die portugiesische Landessprache als die seiner Jugendgespielen und Freunde. Deutschland ist ihm teuer als das Land seiner Väter, auch wenn er es, wie die allermeisten von uns, nie gesehen hat; aber seine Heimat, also mehr ist im Brasilien, denn hier ist er geboren, gewachsen und geworden.¹¹

⁹ *Colônia Santa Justa, 27 novembro de 1852*: “Aqui nos sentimos no céu, vivemos na Terra Prometida. Vivemos como homens livres. Ninguém exige nada de nós. A despesa da nossa viagem esperamos pagar logo. Da floresta retiramos o que queremos. Como diariamente o meu meio quilo de carne. Sobre as bebidas não há muito o que escrever; só há aguardente. Se queremos beber cerveja temos então que ir até Petrópolis, a 10 milhas de distância, onde há cervejarias alemãs”.

¹⁰ *Linha Hof, 18 de julho de 1858*: “Mãe Querida, não se preocupe com o Jakob, ele está bem e vive sempre em alegria, ele sabe falar brasileiro e é um bom ‘esgrimista’”.

¹¹ *Paraná, julho de 1896*: “O brasileiroalemão ama a língua alemã, por ser a língua da casa de seus pais; mas ele ama também a língua do país, o português, por ser a língua dos seus camaradas e amigos desde a infância. Alemanha é para ele cara, é a terra de seu Pai, seus antepassados, mesmo que, como a maioria de nós, nunca a viram. Mas a sua casa (Heimat), assim mais é o Brasil, porque aqui ele nasceu, cresceu e se tornou alguém”.

Vejamos que no primeiro recorte, extraído de Carta escrita em 1852, os dizeres apontam uma preocupação em comprovar que fizeram certo em migrar e por isso mostram o Brasil como o paraíso, o céu (*Himmel*), lugar de terra produtiva; e aparece a satisfação por serem enfim proprietários de terras e por terem exuberância de comida e, em especial, de carne. É importante aqui lembrar que a migração para o Brasil se deu em vista das condições econômicas e sociais que afligiam a Alemanha, especialmente na primeira metade do século XIX, época em que a exclusão social e a fome pairavam na vida dos habitantes e o desejo era migrar para o “Novo Mundo”.

Podemos ver que os dizeres revelam uma satisfação, enquanto imigrantes, por se encontrarem numa situação melhor do que aquela deixada em sua terra. E esse confesso se dá no sentido de afirmar-se como aquele que fez a escolha certa, uma vez que o seu correspondente é um familiar que ficou e que, de alguma forma, ainda que imaginária, intervém para avaliar, julgar, condenar ou inocentar. Podemos observar que o sujeito faz coincidir o real com o imaginário que foi projetado por quem migrou e continuou sendo projetado, muito provavelmente, por quem ficou.

No segundo recorte, considerando que se trata de *Carta* escrita no ano de 1858, chama-nos a atenção a referência do sujeito ao saber da língua outra. Ao escrever para a mãe que “não se preocupe” com o filho *Jakob* porque ele “sabe falar brasileiro” fica implícito que este é um saber de alguns e indica que a língua alemã é a do falar e do saber comum entre eles. Observe-se que esse saber falar vem procedido da palavra “*Maulfechter*”: *Maul* = boca de animal e *fechter* = esgrimista. É curioso observar que a palavra boca referindo-se à boca humana seria *Mund*, logo, a escrita deveria ser *Mundfechter*. O sujeito escreve (talvez como um lapsos? deslize?) “*Maulfechter*”, o que pode ser traduzido como o “esgrimidor em boca de animal”.

Os sentidos que apreendemos desse possível deslize do sujeito ao escrever “boca de animal” e “esgrimidor”¹² e em seguida anunciar que “sabe falar o brasileiro” indicia um estilhaçamento no combate entre o saber das línguas, no caso o alemão e o brasileiro, em que a arma (língua) funciona como a lâmina fina que, no combate, procura atingir o corpo do outro. A língua outra, a estrangeira, no caso, a brasileira, “poderá vir a constituir o sujeito, chegando

¹² A série de sentidos registrados no dicionário sobre a palavra “esgrimidor” nos ajuda a recuperar os que emergem no deslize que abordamos. No Dicionário Houaiss (2007) temos: “Esgrimidor: pessoa que domina a arte de esgrimir. Esgrimir: jogar ou manejar espada, florete, sabre [...] fazer movimentos agitados com; vibrar, brandir [...]; fazer vibrar com intenção belicosa; manipular como arma em discussão polêmica; travar, combater contra; lutar. Discutir, argumentar, polemizar” (2.^a reimpressão com alterações).

a ‘falar por sua boca’¹³, já que o sujeito, dado os entre-lugares que se atravessam, se e(in)screve na ordem da língua outra, ainda que inconscientemente.

Observe-se que há uma posição “migrante” muito forte nesse dizer, que mostra movências do sujeito – entre-lugares, entre-línguas, entre-culturas, entre-nações – que tramam, inevitavelmente, novas malhas de subjetividade, já que “cada língua, com sua especificidade e como uma função, irá atravessando o campo dessa subjetividade [...] e travando laços com a matéria das outras línguas e com a das outras formas de linguagem que habitam esse campo”¹⁴. Isso provoca deslocamentos e a inevitável necessidade do sujeito se reterritorializar em outro lugar sujeito-línguas¹⁵.

No terceiro recorte, escrito por um descendente de imigrantes alemães, chama-nos a atenção, inicialmente, a nomeação “Der Deutschbrasilianer” no início da *Carta*, que materializa, no nosso entender, o desejo de marcar o duplo, tanto o *Deutsch* como o *Brasilianer* num só, imprimindo identidades hifenizadas, misturadas. “Deutschbrasilianer” comporta dois significados: o Brasil como nova pátria (“Heimat” ou “Vaterland”) pelo *jus solis*, e a Alemanha como pátria ancestral (“Urheimat”) pelo *jus sanguinis*, o que revela marcas de cortes e de suturas que unem e misturam terra e sangue. Esse duplo *solis-sanguinis* faz (re)soar, num entre-dois, uma nomeação, unindo, aglutinando as línguas, as identidades, as culturas, as nações, nas quais não quer se calar e muito menos apagar.

Observe-se que o artigo definido “Der’ Deutschebrasilianer” (“o” brasileiroalemão) captura o sujeito para afirmá-lo numa identificação multiplicada em dois e que, ao mesmo tempo, condensa a “mestiçagem” de nações, de línguas, dada à condição e posição do sujeito migrante, que se materializa na hibridização do eu e do outro, do aqui e do lá, do *Deutsch* e do *Brasilianer*.

Mais adiante, essa mestiçagem, introduzida por “aber” (mas), materializa-se para unir os opostos pelo “amor da língua”. O amor da e pela língua alemã, que é a língua de seus “pais e antepassados”, *mas* também o amor da e pela língua do país, o brasileiro, que é onde ele “nasceu, cresceu e se tornou alguém”. A palavra “geworden” foi por nós traduzida por “se tornou alguém”, porém, vale dizer que, dada a (im)possibilidade da tradução (no sentido derrideano), essa palavra remete também ao sentido de “criar um nome para si, fazer um nome”. O que vemos é uma posição migrante que clama por marcar um “nome para si” num lugar-língua-nação, em nome do pai simbólico, o que leva o sujeito a se recriar dentro da língua de si e

¹³ Celada 2013, 55.

¹⁴ Ivi, 54.

¹⁵ Cf. Eckert-Hoff 2010.

da língua do outro, entre-laçado pelo eco da(s) língua(s) do *Deutsch* e do *brasilianer*. Isso nos leva a dizer que é a língua de morte contra a língua de vida que faz surgir a terceira língua – aquela em que o sujeito se reinventa, salva e é por ela salvo¹⁶.

Vemos que exílio e hospitalidade habitam o sujeito *Deutschbrasilianer*: a mãe (nação) está distante e o pai (terra de origem) está morto. E esse luto da origem que se mostra na escrita, se dá pelo confronto com a pluralidade, num gesto de (re)criação, que se mostra por fissuras por onde o sujeito vaza, respira, por onde a falta se deixa ver.

Interessante observar que a palavra *Heimat* não tem uma tradução específica, ela remete a lar, casa, Pátria e abarca o sentido de familiaridade, de lugar onde o sujeito nasce, cresce, conhece e se enlaça, de alguma forma (mesmo que insabida), por fios que constituem memória, cultura, identidade¹⁷. O excerto “mas a sua *Heimat*, assim mais é o Brasil” aponta, no nosso entender, para um investimento do sujeito na busca de ver como colocar tudo isso num novo lugar, implicado pelo sentido da culpa, do pecado. Há uma culpa pelo pai morto, uma necessidade de busca pela redenção, absolvição – daquele do *jus sanguinis*. Redenção esta que o libertaria para a vida na sua nova *Heimat*, a do *jus solis*, por isso a “necessidade” de aliar solo e sangue.

Podemos ver que há, pois, *os entre-dois* que não se opõem, mas se relacionam entre si por um movimento de travessias, que se marcam por errâncias e inscrições: entre o eu e o outro, entre o lá e o cá, entre o *Deutsch* e o *brasilianer* – a mestiçagem e a inevitável incidência subjetiva no sujeito, descendente de imigrantes alemães.

Ainda com esse foco de mostrar as incidências das línguas na subjetividade, vale trazer um recorte de uma *Carta* escrita um século depois por um descendente de imigrante nascido já no século XX, no ano de 1919, no sul do Brasil.

Arroio do Meio, 05 März 1987

“Ich heisse Léo Kist, mein Vater heiss Franz Kist, und meine Grossvater Adam Kist. Ich kann noch etvas *Deutsch* sprechen, aber sehr schlecht schreiben. Deswegen, müssen sie mich entschuldigen, weil ich sicher nicht alles richtig schreiben”.¹⁸

¹⁶ Cf. Robin 1999.

¹⁷ Podemos dizer que ocorre com a palavra *Heimat* (no alemão) o mesmo que ocorre com a palavra *saudade* (no português): não se encontra palavra na outra língua para traduzi-la. A tradução de Pátria é *Heimatland*; a de casa e lar é *Haus*.

¹⁸ *Arroio do Meio, 05 de março de 1987*: “Meu nome é Leo Kist, meu pai é Franz Kist e meu avô Adam Kist. Eu ainda sei falar alguma coisa em alemão, mas escrevo muito mal. Por isso o senhor precisa me perdoar porque eu certamente não escrevo tudo corretamente”.

Vejamus que mais de um século depois, o descendente da segunda geração nascida no Brasil ainda escreve na língua da Pátria de seus antecedentes. Podemos ver que o ato histórico-político da interdição das línguas estrangeiras no Brasil – que provocou o silenciamento das línguas de imigração – não conseguiu apagar e nem mesmo calar a língua alemã. Ela permanece viva, marcada por toda uma história de propagação mas também de exclusão e, de alguma forma, move o sujeito e vigora, ainda que na oralidade, no seio familiar e comunitário.

Observe-se, na *Carta*, a exaltação ao *nome*, trazido para marcar a filiação: o nome do pai, o nome do avô, *Adam Kist*, imigrante alemão que se fixou no sul do Brasil. No nosso entender, o nome é trazido, também, para marcar o Pai simbólico, a língua do pai, rasurada na memória. Isso nos leva a verificar que há incidências nas e das línguas, que se marcam na subjetividade do sujeito descendente de imigrante.

O dizer “ainda sei falar alguma coisa em alemão, mas escrevo muito mal” desvela um saber da língua que ficou na oralidade, por isso, as escusas por considerar que a escrita poderia estar mal e talvez até incorreta. Há uma imagem de língua idealizada como perfeita que permeia o dizer, por isso talvez o pedido “o senhor precisa me perdoar”. O verbo precisar indicia um gesto forte de investimento do sujeito para chegar na língua do outro (mas que em certa dimensão também é sua), por isso ela não poderia ser maculada, perfurada. Daí a necessidade do perdão diante de possíveis erros, no desejo de chegar no possível, roçando o impossível.

Isso nos leva a verificar que o luto da língua primeira (no caso, a alemã) nunca pode ser totalmente concluído, pela impossibilidade de seu esquecimento, já que esta, de alguma forma, habita o sujeito. E por estar *sempre-já-lá*, é projetada e reapropriada, ainda que inconscientemente, na língua de adoção (no caso, a portuguesa). Podemos verificar que a língua de imigração não morre para o sujeito, já que são inevitáveis as incidências das línguas na história de formação linguística, na subjetividade.

4. TECENDO O ACABAMENTO...

Nosso estudo evidencia que é preciso pensar a relação do sujeito na língua, da língua, pela língua, inserido em contexto de imigração, para que as línguas – seja a materna, a segunda, a nacional, seja a estrangeira –, possam ser pensadas como desdobramentos da relação sujeito-línguas, e também

como investimentos do sujeito (conscientes e inconscientes) feitos nas malhas de sua identidade, subjetividade, ao longo de sua história de formação linguística.

Isso nos leva a concluir que a língua outra, de alguma forma é também o *Heim*, lugar de exílio, onde os traços da língua primeira (dita materna) não se apagam e os traços da língua outra (a dita estrangeira) produzem novas marcas, que de alguma forma modificam seu eu, sua assinatura.

Isso nos leva a dizer que há sempre um processo de ruptura, de rejeição, de captura de enraizamento, de hospitalidade, de exílio, na relação do sujeito com a(s) língua(s). Em vista disso, a relação dos sujeitos-enunciadores com as línguas deixa rastros, ressonâncias, produz memória, desse modo incidindo e desdobrando, inevitavelmente, efeitos e transformações na constituição da subjetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Authier-Revuz 1990 J. Authier-Revuz, “Heterogeneidade(s) enunciativa(s)”, *Cadernos de Estudos Linguísticos* 19 (1990), 25-42. (*Hétérogénéité(s) énonciative(s)*, Larousse, 1984).
- Celada 2013 M.T. Celada, “Linguagem/sujeito. Forçando a barra em língua estrangeira”, in A.M.G. Carmagnani - M. Grigoletto (Orgs.), *Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade*, São Paulo, Humanitas, 2013.
- Coracini 2010 M.J. Coracini, “Discurso e Escrit(ur)a. Entre a necessidade e a (im)possibilidade de ensinar”, in M.J. Coracini - B.M. Eckert-Hoff (Orgs.), *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela*, Campinas, Mercado de Letras, 2010.
- Derrida 2001 J. Derrida, *O monolinguismo do outro. Ou a prótese de origem*, Porto, Campo das Letras, 2001 (*Le Monolinguisme de l'autre*, Galilée, 1996).
- Eckert-Hoff 2010 B.M. Eckert-Hoff, “(Dis)sabores da língua ma(e)terna. Os conflitos de um entre-lugar”, in M.J. Coracini - B.M. Eckert-Hoff (Orgs.), *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela. Alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira*, Campinas, Mercado de Letras, 2010.
- Lacan 1998 J. Lacan, *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998 (*Écrits*, Éditions du Seuil, 1996).

- Robin 1993 R. Robin, *Le deuil de l'origine. Une langue en trop, la langue en moins*, Saint-Denis, Presses Universitaires de Vincennes, 1993.
- Robin 1999 R. Robin, *L'immense fatigue des Pierres. Biofictions*, Montréal, XYZ, 1999.

